

# A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO DE CATÓLICOS E REGIONALISTA

Proprietários: A. LUÍS VAZ e JÚLIO H. VAZ

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração: Largo da Senhora-a-Branca, 105 - BRAGA

AVENÇA - Assinatura Anual: 60\$ - Estrangeiro 100\$ - Ultr., Brasil, Espanha 80\$ ★ ANO XXVIII - N.º 536 - Melgaço, 15 de Março de 1974 ★ Tip. Augusto Costa & C.a, L.da - Telef. 22455 - Braga

## Em louvor da nossa gente

No dia 27 de Janeiro tomámos parte no almoço regional da Casa do Minho, em Lisboa, por amável convite de um antigo aluno, eng. Paulino de Magalhães.

Surpresas, imensamente agradáveis, nos esperavam, desde a presença de velhos amigos, que não víamos há muitos anos, até aos nossos vizinhos e conterrâneos.

O primeiro abraço foi o do sr. Gaspar de Almeida, vice-Presidente da Casa do Minho, que, solícito, corria, de mesa para mesa, durante o almoço, a inteirar-se do andamento daquele acto de confraternização regionalista.

Nova surpresa veio-me de um dos coevos da fundação da Casa do Minho, ali da vizinha freguesia de Sá, Monção, primo do saudoso padre Claudino.

Foi uma cavaqueira amena de emoções amigas sobre as nossas terras e as suas gentes.

Surpresa extraordinária estava-me, ainda, reservada naquele almoço.

O bom amigo Paulino Magalhães apresentara-me o eng. Armando da Palma Carlos, Presidente da Direcção Geral das Hidráulicas.

Homem de palavra vagarosa e rosto calmo, de sorriso franco e leal, de bom humor constante

Sabendo-me de Melgaço, logo se apressou a contar-me um facto que se relaciona, orgulhosamente, com o sr. Oceano Atlântico Ribeiro, da Pensão Boavista, do Peso.

O eng. Palma Carlos fez parte da delegação portuguesa que, em conjunto com a espanhola, estudavam as barragens no Rio Minho.

As delegações tinham, ao que parece, categoria de embaixadas.

Quando as duas delegações passaram a fronteira de Valença para estudarem a margem portuguesa do Rio, vieram até ao Peso.

Aqui soaram as horas do almoço pela «hora portuguesa». O almoço, porém, servir-se-ia em Tui, oferta da Delegação de Espanha, à «hora espanhola».

O eng. Palma Carlos não consentiu que as delegações seguissem para Tui sem tomarem uns «aperitivos» em terra portuguesa.

Inquiriu in loco, e indicarem-lhe a Pensão Boavista, para onde se dirigiu.

Declarou-se ao sr. Oceano Atlântico Ribeiro, e informou-o do que pretendia.

— Pois do que temos cá, em casa, visto que não estávamos avisados, faremos tudo o que pudermos, respondeu.

E agora fala o eng. Palma Carlos: «O sr. Oceano Atlântico Ribeiro serviu-nos umas coisas preciosas com um vinho branco da sua casa, com uma simplicidade requintada, de tal ordem que os colegas espanhóis ficaram encantados. Gostaram, francamente. E quando lhe pedi a conta, diz-nos o eng. Palma Carlos, porque não podíamos demorar, o sr. Oceano informou-me de que a não podia tirar nesse momento.

Como fazer?  
Perguntei-lhe se aceitava um cartão meu, e, se confiasse em mim, que me enviasse a conta para Lisboa.

E o sr. Oceano Atlântico Ribeiro confiou em mim, sem me conhecer, sem colher informações, enviando-me, quando o entendeu, a conta para Lisboa».

É sempre agradável ouvir dizer bem da gente da nossa terra. Por isso nos desvanecemos as palavras do eng. Palma Carlos, que as proferia ainda com emoção e com certo orgulho em virtude de poder ter «honrado» condignamente os colegas de Espanha.

Ao sr. Oceano Atlântico Ribeiro, os nossos parabéns.

JÚLIO VAZ

## Boletim de Sanidade

Os indivíduos que se dedicam ao comércio e indústria de géneros alimentícios devem dirigir-se à Subdelegação de Saúde do concelho para obterem ou revalidarem o Boletim de Sanidade, sem o qual não podem exercer as suas actividades.

## Serviço de Informações

Junto da Delegação do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência, de Viana do Castelo, funciona um serviço de informações, todas as 2.ª, 4.ª e 6.ª, das 14 às 19 horas.

## Pela Administração

Continuam a pagar a assinatura do jornal bastantes assinantes e amigos. Por seu lado, mesmo aqueles que por algum motivo não puderam pagar quando lhes foi enviado o recibo pelos correios vão-se lembrando agora de o fazer e só desejamos que todos estejam em dia quanto antes.

\* \* \*

Novos assinantes: Manuel Maria Afonso, Casa Orly-Melgaço, Manuel Rodrigues de Castro, de Santarém, e ainda um amigo que está em França.

\* \* \*

Pagaram 1973 — P.e José de Jesus Pereira — Monção; Dr. José Albano de Melo, Lisboa, que nos enviou 100\$, José Manuel Augusto, de Ponte de Lima; P. Manuel Bento de Sousa e Silva, D. Maria Angelina Solheiro — Peso; e Armando da Luz Rodrigues, de Paderne.

Pagaram 1974 — General Horta Barbosa — Braga; Maria Amélia de Castro Tavares, Rouças; Mário Secundino Cerdeira, de Angola, como amigo; Carlos Alberto Afonso, de Lisboa; Manuel Afonso Marques, de Lisboa; Dr. António Joaquim Esteves, de Braga; Joaquim José Guimarães da Costa, de Queluz; D. Maria Cândida da Cunha Menezes, de Angola; Alípio Dias, D. Zenaide de Moraes, Prof. Luís dos Santos Val, Prof. Manuel José Rodrigues, todos de Melgaço; Eng. Joaquim Abel Rodrigues, de Angola; Banco Pinto de Magalhães, Júlia Domingues Gonçalves, Deolinda Augusta Pereira, José D'Outeiro, Manuel Francisco Rodrigues, Manuel Gonçalves, António Manuel Alves, António Cardoso, Constantino da Silva, Manuel Maria Afonso, Dr. Oliveiros Rodrigues, António Ribeiro, Germano Henrique Gonçalves Carabel, Família do Prof. Dâmaso Lopes, José Augusto de Araújo, D. Palmira de Jesus Domingues, Teodorico Fernandes, Vasco Joaquim de Oliveira, Américo Gonçalves, António Fernandes (Cota), Manuel Augusto Vaz, António Puga, Manuel Puga (este a residir em Viana), José Maria Rodrigues, Amândio Domingues, todos do concelho de Melgaço, embora alguns residam em diferentes freguesias; Henrique José de Sousa Calheiros, Moçambique.

## Custo de vida

Se entre 1971 e 1973 os produtos alimentares principais sofreram em Portugal um aumento geral de cerca de 75,35%, encontrando-se o nosso País em segundo lugar na lista dos países produtores do aumento de custo de vida, talvez não seja esta a época mais indicada para gastar muito dinheiro na construção de novos parques de jogos nem em arranjos de praças públicas e iluminações de velhos castelos. Da forma assustadora como aumentam diariamente os preços de certos produtos, não se sabe como poderão sobreviver as pessoas idosas e os inválidos para o trabalho que não podem angariar meios de subsistência.

Sempre atentos aos problemas mais graves e complicados, Deus permita que os nossos governantes compreendam a crítica situação de muita gente e suspendam pelo menos temporariamente grandes despesas com o futebol, porque há muitas coisas de maior necessidade que não se podem dispensar. Se o fenómeno da crise que atravessamos é internacional, temos que reconhecer que nós portugueses somos dos que mais sofremos as respectivas consequências. Se temos tanto com que passar o tempo, até é vergonhoso dizer que o futebol é indispensável para distrair. Como poderão passar o tempo os habitantes das aldeias deste concelho de Melgaço onde não há estradas nem energia eléctrica?

E como poderão vir à Vila as pessoas idosas receber o subsídio do Estado à Casa do Povo, se não podem fazer o trajecto a pé até Pomares?

## Estradas e Futebol

Os da Gave, que devido ao estado de fraqueza são incapazes de percorrer os velhos caminhos daquela freguesia até à estrada, até pedem ao Reverendo Pároco da freguesia para lhes levar o dinheiro.

Muitos pedem ao Regedor para escrever uns bilhetes dirigidos à Casa do Povo autorizando outras pessoas a receber,

(Continua na 4.ª pág.)

## «Morreu» o Boletim

A Câmara Municipal de Melgaço «lançou na rua», em Janeiro de 1973, uma publicação com o nome de «Boletim Mensal».

Antes, anunciara o seu nascimento na imprensa diária.

Marcara-lhe a finalidade na Nota de Abertura: informar do rumo e actividades camarárias, com exactidão e certeza, os órgãos administrativos e as autoridades civis ou religiosas.

Pouco tempo teve de vida. «Morreu» há sete meses, com só outros tantos de idade.

Por falta de «leite» intelectual?

Da Câmara fazem parte um dr., sr. Sidónio Silvestre, que é o Presidente, e um professor primário, sr. José Augusto Lourenço, vereador.

Falta de capacidade, de vontade ou de tempo para alimentarem o Boletim?

Limite-me ao registo do facto, a «morte» do Boletim.

Não deixou pena; era uma publicação «enfizada».

Que interesse poderia despertar no reduzido número de leitores a informação, por exemplo, de que «A Câmara deliberou mandar efectuar os pagamentos correspondentes às autorizações n.ºs 246, 247 e 248, na importância total de 63 425\$00» ou de que expediu 181 ofícios e circulares, ou de que lavrou duas actas das reuniões, ou duas escrituras, sem outros pormenores que seriam os de certo interesse?

O Boletim «morreu».

Mas pergunto: se, no entender da Câmara, o Boletim fazia falta, para que o deixou «morrer»?

Se não fazia, para que o criou?

Se a Câmara se convenceu da inutilidade de tal publicação, foi inteligente.

A. RODRIGUES

## “No caso dos Padres de Braga,”

«A Igreja proclama, como é seu dever, os direitos universais e invioláveis da pessoa humana». «Os processos judiciais dêem ao acusado o direito de conhecer os seus acusadores, bem como o direito a uma defesa conveniente», lê-se no documento sobre **A Justiça no Mundo**, do Sínodo dos Bispos. Se «toda a pessoa tem direito, em plena igualdade, a que a causa seja ouvida equitativa e publicamente por um tribunal independente e imparcial, que decidirá, quer dos seus direitos e obrigações, quer do fundamento de toda a acusação em matéria penal dirigida contra ela», devemos perguntar-nos se este direito foi salvaguardado, por exemplo, no caso do P.º Felicidade Alves e no caso dos Padres de Braga.

Não será prepotência da autoridade aplicar uma série de sanções, desde a suspensão a *divinis* à proibição de escrever na imprensa, pura e simplesmente porque se discorda dela ou se critica, e, ainda por cima sem ouvir os incriminados, sem inquérito prévio, sem lhes garantir o direito natural de legítima defesa?

Este exame de consciência é uma exigência essencial para que a Igreja se torne crível».

De «Os Direitos do Homem em Portugal», Fevereiro de 1974.



# Da Vila e Concelho

**TOTOBOLA** — No concurso n.º 25 de 24-2-74, foram premiadas duas matrizes com dois segundos prémios. Os contemplados entregaram os seus bilhetes por intermédio do Agente 18-031, na Rua da Calçada em Melgaço, sr. Miguel Pereira. Os nossos sinceros parabéns.

**FUTEBOL** — Deslocou-se no passado Domingo dia 24-2-74, à vizinha localidade de Arcos de Valdevez, a turma do Sport Club Melgacense, onde defrontou no «Campo da Coutada», o Atlético dos Arcos. Arbitrou Rogério Moreira, auxiliado por Graciano Quesado e José Adamastor. As equipas formaram:

Melgacense — Afonso; Paiva, Cruz, Zé Albano e Domingues; Bisca, Mário e Teixeira; Passos, Fernando e Amâncio.

Arcos — Prima; Arnaldo, Fernandes, Acácio e Gualter; José Luís, Carlos e Mário; Camacho, Bacelar e João. Ao intervalo o Melgacense perdia por 1-0. Devido a uma arbitragem muito irregular viemos a perder por 5-0.

## Melgacense, 1 — Ancora-Praia, 2

Jogo efectuado no campo Dr. Sidónio Soares de Sousa, no passado dia 3, a contar para a 11.ª jornada do campeonato distrital da A. F. de Viana do Castelo. Perante a arbitragem de Mário Araújo, coadjuvado por Bento Alves e José Ferreira, as equipas apresentaram a seguinte formação:

Melgacense: Afonso; Freitas, Soutelo, Zéca e João; Paiva (Domingues) Mário e Bisca; Passos, Teixeira e Amâncio.

Ancora-Praia: Mário; Sampaio, Ruca, Cadilha e Martins (capitão); Major, Valdemar e Amaro (Sampaio II); Zé Alberto, Coco e S. João. Jogo bem disputado por parte dos Melgacenses, tendo logo no início da partida sido batido por Teixeira, o guardião Mário do Ancora-Praia. Só no início do 2.º tempo o visitante conseguiu igualar. Mais tarde e numa jogada infeliz da nossa defesa, conseguiu o Ancora-Praia colocar-se em vencedor. Arbitragem bastante irregular, o que levou o público à exaltação.

**VISITA** — Recebemos a visita do nosso prezado amigo e assinante sr. Sílvio José Ribeiro, que após gozo de férias, brevemente vai regressar aos E. Unidos onde se encontra acidentalmente. Que faça boa viagem são os sinceros desejos de «A Voz de Melgaço».

**DESASTRE MORTAL EM ESPANHA** — No dia 27 de Fevereiro, cerca das 20.15 horas, na estrada de «La Lonja», quando José Luís Costa Fernandes, de 16 anos de idade, natural de Podame,

Monção, empregado, morando acidentalmente em Santa Ana de Arriba (El Puente) Orense, circulava em bicicleta, embateu ao que parece no veículo O R-3976, conduzido pelo seu proprietário Sr. Francisco Baltar Lorenzo, tendo falecido pouco depois. No local do acidente compareceu a Polícia Motorizada Municipal, bem como a de Tráfico da Guarda Civil, que instruíram o respectivo processo.

**MOVIMENTO HOSPITALAR** — Durante o mês de Fevereiro de 1974, verificou-se no nosso Hospital o seguinte movimento: Internamentos: Homens 3; mulheres 13. Maternidade: 3 partos. Banco: curativos 184, injeções 191, radiografias 3, radio-cospias 9.

**EM AMPLA RECUPERAÇÃO** — Após ter estado em tratamento na cidade de Braga, por conselho do seu médico assistente, Sr. Dr. António C. Esteves, encontra-se já e em ampla recuperação a sr.a D. Amabélia Cunha Sotto Mayor Martins, na sua residência em Prado. Os nossos desejos das maiores felicidades.

**BAPTIZADO** — Foi baptizado na Igreja Matriz pelo reverendo Padre Justino Domingues, Carlos Alberto Esteves Lourenço. É filho de Bernardo A. Lourenço e Maria de L. Esteves. Foram padrinhos: o sr. António Manuel Pereira e Ivone Augusta Pereira.

## De Chaviães

(Atrasada na Redacção)

**OBRA DE RESTAURO DA IGREJA PAROQUIAL** — Gostosa e informalmente informamos todos os Chaviães ausentes da sua terra, porque para os presentes já não é novidade que a Ex.ª Direcção de Urbanização do nosso distrito, aprovou na totalidade as obras a efectuar dentro em breve, no restauro da igreja paroquial.

Mais ainda: Foi concedida a administração directa nos trabalhos a realizar, os quais passamos a descrever, na parte que temos conhecimento: Limpeza interior e exterior das paredes da igreja, ficando em tipo rústico; reparação de madeiramento do telhado, com substituição da actual telha marselha, pela usada nos Monumentos Nacionais; colocação de um relógio na torre e bancos na igreja; pintura geral em todos os altares; substituição do soalho, etc., etc.

No tempo que decorre à parte em que o subsídio dos duzentos contos foi concedido pelo Senhor Ministro das Obras Públicas, como é do conhecimento geral, todos os materiais de construção, assim como a mão de obra, tiveram uma subida substancial. Assim, o orçamento agora feito

para a efectivação das obras anda à volta de duzentos e trinta contos.

Os paroquianos interrogam-se uns aos outros e respondem: Não há problemas. Com a ajuda da Padroeira Santa Maria Madalena, tudo se há de arranjar pelo melhor e a diferença para mais, vai aparecer. Vejamos as ofertas que têm caído em benefício das obras a realizar oportunamente na capela da Portela e na de Gondufe, que já ronda nos 15.000\$, num brado de alerta feito pelo Rev. Pároco, ainda há bem pouco tempo. A união faz a força e o que nós queremos é que tudo se faça o mais rápido possível.

O relógio a bater as horas para alertar as donas de casa; os bancos para nos sentarmos durante os momentos permitidos, na realização dos actos do culto

E sobretudo porque queremos que a nossa Igreja corresponda à verdadeira Casa de Deus, por dentro e por fora e aonde todos nós possamos entrar com orgulho.

### VALHA A VERDADE (Rectificação)

— Em dada altura informamos os prezados leitores e os Chavianenses ausentes, de um pedido de subsídio feito pelo ex-pároco desta freguesia Rev.do Sr. P.e José Lima de 200 000\$, aquando da vinda ao nosso concelho de Sua Ex.ª o Senhor Ministro das Obras Públicas, para obras de necessidade a levar à frente na igreja paroquial.

Finalmente soube-se agora através da Ex.ª Direcção de Urbanização do nosso distrito, que apenas tinha sido concedida a Verba de 160 000\$.

E dizemos apenas, porque as obras projectadas orçam em 315 000\$, assim discriminadas: Relógio eléctrico; cobertura nova, picagem de rebocos das paredes ficando a pedra à vista; portas novas; bancos; restauro dos tetos, pintura nos altares e calçada à portuguesa no terreno envolvente da igreja.

Não só pela diferença para menos dos 40 000\$, como pela subida substancial de todos os materiais, bem como a mão de obra, os paroquianos interrogam-se uns aos outros e respondem:

Não há problemas. Com a ajuda da Padroeira Santa Maria Madalena, tudo se há-de arranjar pelo melhor.

Vejamos as ofertas em dinheiro que se tem conseguido em benefício das obras a realizar na capela da Portela e na de Gondufe, que já rondam nos 17 000\$, num brado de alerta feito pelo Rev.do Pároco, ainda há bem pouco tempo.

A união faz a força e o que nós queremos é que tudo se faça o mais pronto possível.

O relógio a bater as horas para alertar as donas de casa; Os bancos para nos sentarmos durante os momentos permitidos na realização do culto. E sobretudo porque queremos que a nossa igreja corresponda à verdadeira Casa de Deus, por dentro e por fora e aonde todos nós possamos entrar com orgulho.

Ora aqui está demonstrada mais uma prova de união.

As obras da igreja paroquial vão fazer-se em toda a sua extensão, embora orçadas em 315 000\$, e a participação do Estado, seja apenas de 160 000\$.

O importante é que haja compreensão mútua entre os homens de boa vontade.

**ANIVERSARIO** — Fez anos no dia 6 do corrente a Sr.a D. Beatriz Fernandes Reinaldes. Felicitaram-na com muito amor, todos os seus familiares presentes e ausentes, formulando-lhe os melhores votos por uma vida longa, cheia de muitas felicidades.

**DESASTRE MORTAL** — Causou a mais profunda consternação nesta freguesia, donde a vítima era natural e residente, o choque brutal, que viria a causar a morte inesperada ao nosso conterrâneo e amigo Sr. João Reis Araújo, de 49 anos de idade, casado com a Sr.a D. Júlia de Jesus Pires, Guarda Fios dos C.T.T., em serviço neste concelho e residente no lugar de Gondufe.

O desastre deu-se na manhã do dia 2 do corrente, pelas dez horas e meia aproximadamente, próximo do caminho que conduz ao lugar das Carvalheiras, quando o infeliz João regressava à sede dos Correios, vindo pela última vez, do lugar de S. Gregório, aonde tinha ido em missão de serviço da sua profissão, fazendo-se transportar numa motorizada que, por falta de visibilidade, pois, a manhã estava bastante chuvosa, embateu violentamente contra um auto-carro da Empresa Auto-Viação Melgaço, que era

## BANCO FERNANDES MAGALHÃES



PORTO

LISBOA

SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira  
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris  
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

conduzido pelo motorista sr. Manuel Ferreira, que à hora acima referida, seguia o seu itinerário com destino àquela localidade.

Apesar de ser imediatamente socorrido e conduzido ao nosso hospital, onde lhe foram prestados os primeiros socorros possíveis, verificado pelos clínicos o seu estado gravíssimo, foi em seguida transportado na ambulância dos Bombeiros Voluntários, com destino ao Hospital de Santo António, do Porto, onde o indito João já lá não chegaria com vida.

O funeral realizou-se na tarde de domingo, dia 3, pelas 18 horas, da casa da sua última morada em vida, para o cemitério local, depois de efectuados os serviços religiosos na Igreja paroquial, transportado num auto dos Bombeiros e no meio de um impressionante cortejo fúnebre, onde, além das irmandades da freguesia, se encorpavam centenas de pessoas de todas as camadas sociais, superiores e camaradas do extinto em grande número e uma fila de automóveis na extensão de mais de um quilómetro, pararam na última vez, a estima e consideração em que era tido um exemplar chefe de família e leal servidor dos C. T. T.

Deixa no mais profundo desgosto e luto toda a sua família e um filho de poucos anos de idade.

Que a sua alma seja chamada para a presença do Senhor. E a todos os seus familiares, que neste momento sentem a dor mais dolorosa da sua vida, especialmente a sua inconsolável esposa, apresentamos as nossas mais sentidas condolências. — (C.)

## De PRADO

**DOENTE** — Em virtude do seu estado de saúde, regressou de Braga para onde foi bastante mal a esposa do nosso digníssimo assinante Claudino Augusto Rodrigues, D. Amabélia da Cunha Sotto Mayor Martins Moreira Rodrigues. Que o seu estado de saúde volte ao normal, são os ardentes desejos de todos os componentes da família de Prado.

**DO PORTO** — Para onde tinha ido juntar-se aos seus familiares, regressou encontrando-se na Quinta da Serra, D. Maria Amélia Vaz Pinheiro, viúva do saudoso sr. Herculano Arsénio Gomes Pinheiro.

**DE FRANÇA** — Para se juntar ao seu marido regressou de França D. Maria Helena Calheiros, seguindo em breve para o Canadá. Aguarda-a o seu marido para a acompanhar.

— Para França e outras nações seguiram de novo os nossos emigrantes, depois de terem vindo aliviar saudades junto dos seus familiares e respirar os belíssimos ares desta tão linda terra que nos viu nascer.

**TEMPO E AGRICULTURA** — O tempo tem estado magnífico, próprio para serem executados os trabalhos da época, como seja, poda da vinha, substituição da velha por nova e grangeio da mesma. Aproximam-se outras culturas, como sejam plantações de batatas e outros trabalhos.

Pena é que os poucos que não emigram não compreendam que tais serviços devem ser executados pela máquina, modernizando a Agricultura, como já estão procedendo Ingleses, Alemães, Italianos e outros que do estrangeiro vem abrir os olhos aos de cá.

O que já não sucede no Alentejo, em Braga, em outras terras do nosso nunca esquecido Portugal Continental, Insular e Ultramarino, onde os estrangeiros vêm arrendar importantes áreas de terrenos para desenvolver a Agricultura e a Indústria.

E que sucede para aqueles que apenas possuem umas simples parcelas de terreno?

Vêm visitar seus familiares, não regressam aos trabalhos violentos que lá fora o português executa sem primeiro por em dia tudo que seus antepassados lhes legaram e ainda embelezam as pequenas parcelas de terreno que puderam comprar. Sabem bem, que se tiverem de pagar ao rude trabalhador rural que ainda trabalha por processos antiquados, a receita não lhe dá para a despesa.

Como se está procedendo!... Esposas, filhos e pais de avançada idade na ausência dos que emigram lá se vêem tratando da pecuária e aproveitando tudo para auxiliar os que lá longe lutam para conseguirem um Portugal maior.

As esferas Superiores esmeram-se para nos auxiliar, dando-nos subsídios, na velhice e outros abonos familiares e nós devemos reconhecer tudo isso com a máxima gratidão, auxiliando-os com os nossos esforços visto ser esse o nosso dever.

M. S.

## STAND MELGACENSE

DE AMADEU GOMES

Telef. 42104

Agente exclusivo em Melgaço e Monção: das famosas marcas alemãs de frigoríficos **BOSCH** de Rádios e Televisores **BLAUPUNKT** de electrodomésticos **GRUNDIG**

Agente exclusivo em Melgaço, Monção e Valença: das Balanças e material **A. PESSOA**

Agente exclusivo em Melgaço: do **GÁS MOBIL**, da **PHILIPS** e das inultrapassáveis motorizadas **FAMEL-ZUNDAP** e **SACHES**

DÊ A SUA PREFERÊNCIA AO STAND MELGACENSE

Além das melhores marcas é o único que possui electricistas próprios para garantir a devida assistência e para fornecer orçamentos grátis

Se tem qualquer dúvida, consulte-nos

NINGUÉM O FORÇARÁ A COMPRAR

### MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO

SOLICITADOR



Largo Hermenegildo Solheiro MELGAÇO

### Espelhos e Cristais

Vidros para Janelas Automóveis e Estabelecimentos

TELHAS E TIJOLOS DE VIDRO

Sociedade de Cristais, L.da

Rua do Almada, 25 - PORTO - Tel. 25326

### Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro MELGAÇO



## De Castro Laboreiro

**FALECIMENTOS** — No dia 28 de Fevereiro, pelas 20 horas, faleceu no Lugar das Coriscadas a sr.a Joaquina Rodrigues, viúva há muitos anos, contava 65 anos. A sua morte foi muito sentida por toda a vizinhança por a extinta ser muito considerada, dadas as suas excelentes qualidades.

Era mãe dos srs. Arménio e Domingos, e irmã do sr. António Rodrigues, e tia da D. Contância, professora nesta freguesia, e do sr. Rodrigues, sogra da sr.a professora Leonor Alves, residente em Cavaleiros, Rouças.

O seu funeral realizou-se no dia 2 de Março e o acompanhamento muito grande de pessoas de todo o Concelho.

O eterno descanso para a sua alma e os nossos sentimentos para todos os seus familiares, são os votos deste correspondente.

— No dia 6 de Março, faleceu a sr.a Maria Monteiro, do Lugar da Vila de Castro. Contava 75 anos. Tem a sua nora, neta, filho e filha em Braga e os restantes familiares encontram-se no estrangeiro.

O funeral teve lugar no dia seguinte com grande acompanhamento como é de costume nesta freguesia.

**NESTA PRIMAVERA** — Contamos que a máquina chegue próximo do Ribeiro. O sr. empreiteiro tomou conta da estrada de Parada. Tudo há-de correr bem.

**CARNAVAL** — O Carnaval nesta freguesia, como é de costume esteve muito divertido e fomos muito visitados por pessoas de fora da freguesia.

**PARA FRANÇA** — O sr. Brezilio e a sua esposa e filhinho, que são os srs. da Estalagem desta terra. Como já estava a ser dirigida pelo sr. Armando e sua esposa, continua na mesma.

**TRUTAS** — Já começou a pesca às trutas no dia 1 de Março. Mas não tem saído grandes quantidades devido as serras ainda terem neve. Queríamos o tempo mais quente.

A. A.

## Necrologia

Fernando Manuel Domingues

No passado dia 25 de Fevereiro faleceu na sua residência em Lisboa, o sr. Fernando Manuel Domingues, de 61 anos de idade, casado com a sr.a D. Judite Fernandes Domingues. Era pai da sr.a Dr.a D. Gabriela Fernandes Domingues Lança Coelho, casada com o Sr. Dr. Carlos Lança Coelho, e do sr. Pedro José Vaz Domingues casado com a sr.a D. Maria José Vaz Midões Domingues. Era irmão querido da Senhora D. Isabel Domingues **Ranhada**, casada com o **Senhor Mário Bento Ranhada**, da Sr.a D. Aurora Domingues Marques, casada com o Sr. António Luís Marques, e ainda da Sr.a D. Purificação Domingues Garcia, já falecida.

Era tio das Sras. Donas Judite Ranhada Alves Moreira, Fernanda Ranhada Mendes, Maria Isabel Ranhada Rolo, Maria Júlia Ranhada Domingues, Linda Ranhada Urceira e do Sr. José Fernando Domingues Garcia.

Deixa ainda os netinhos: Rosa Isabel Midões Domingues, António Manuel Midões Domingues, Rita Midões Domingues e Catarina Domingues Lança Coelho.

O saudoso extinto era filho do velho amigo, sr. José Domingues, e Penso perdeu um Amigo do Coração, pois devotava grande amor à terra de sua-Pai, onde passava largas temporadas.

O seu funeral realizou-se da Basílica da Estrela, em Lisboa, para o cemitério dos Prazeres, no dia 27, tendo-se incorporado muita gente, principalmente naturais e amigos da freguesia de Penso.

A família enlutada, «A Voz de Melgaço» de que o extinto era assinante, apresenta sentidas condolências.

## Pesca no Rio Minho

Estamos no mês de Março; nesta época já abundavam, em grandes quantidades, diversas espécies que eram salmões, sáveis, lampreias, trutas e outras que dos mares nórdicos procuram o rio Minho, para nele fazerem a sua desova.

Como anterior à publicação do Regulamento da Pesca no rio Minho, não existisse qualquer lei de protecção ao exercício da pesca, por pedido dos proprietários das pesqueiras existentes nas duas margens compreendidas nos concelhos de Monção e de Melgaço, aonde as referidas espécies começam a fazer a sua desova, visto a acção dos mares não ultrapassar a montante de Valença, sendo a montante deste concelho que se observam os desaguamentos provindos das águas puríssimas das abas das serras de ambas as Nações, cujos ribeiros vêm desaguar ao rio Minho.

Pelo que acima fica exposto, resolveram os dois Governos, depois de terem ponderado os prós e os contras, publicar o Regulamento Internacional da Pesca no rio Minho, que data de 17 de Maio de 1897.

Recorda-me com saudades as enormes abundâncias de peixe que desde 1926 pude observar, o que por informações já assim vinha sucedendo em anos transactos.

Desde Caminha até a montante de S. Pedro da Torre, chegavam a pescar-se, centenas de salmões, milhares de sáveis, lampreias, trutas e outras espécies, o mesmo acontecendo na proporção relativa nas pesqueiras existentes nos concelhos de Monção e Melgaço.

Nas estatísticas feitas no período relativo a 6 meses de pesca, chegou a atingir o valor de 2 500 contos o imposto relativo ao peixe pescado nesse período.

Nas construções fixas, pesqueiras que são propriedades particulares e que são consideradas como prédios urbanos para efeitos de colecta só podem ser armadas redes *botirões* e *cabacenas* e somente na época compreendida de 15 de Fevereiro a 30 de Junho de cada ano. Terminado o período da pesca observava-se grandes quantidades, junto das margens, de pequenas espécies provenientes da desova, as quais, iam indo lentamente, rio abaixo, até saírem para o mar.

Por efeitos das barragens construídas no rio Minho na parte nacional de Espanha, especialmente desde a construção da última na Frieira, que começaram a observar-se

com frequência as subidas inesperadas das águas do rio, provenientes da abertura dos descarregadores da citada barragem da Frieira, resultando de tais subidas as pequeninas espécies serem arrastadas para as margens. Pouco tempo depois, as águas descem rapidamente, dando em resultado que as pequeninas espécies ficam em terra, sendo depois mortas pelos raios solares, servindo de alimento aos corvos e outras aves bravias.

Isto sucede quando a pesca está terminada.

Acontece ainda que durante o período da pesca, quando se dão tais subidas inesperadas das águas, as redes que se encontram armadas nas diversas pesqueiras ficam totalmente submersas, o que ocasiona imensos prejuízos para os proprietários das pesqueiras.

Em 1936, o delicioso peixe abastecia os mercados portugueses e espanhóis, servindo de alimento a centenas de famílias, de cujo número, faziam parte os trabalhadores agrícolas e muitos proprietários das referidas pesqueiras, repartiam pelos pobres grande número de espécies para sustento dos mesmos.

Tendo o Ex.<sup>mo</sup> Comandante, António Afonso de Carvalho, Capitão do Posto de Caminha, tomado conhecimento dos factos acabados de expôr e por haver irregularidades da parte de alguns dos proprietários das pesqueiras, deliberou S. Ex.<sup>a</sup> que todos os proprietários das mesmas passassem a constar nominalmente na Conservatória e na Capitania do Posto de Caminha com as fracções que a cada um lhe pertencia.

Ao mesmo sr. Comandante foi dada informação que em Cortegada, parte nacional de Espanha, existia no rio Minho uma pesqueira que ligava com as duas margens.

S. Ex.<sup>a</sup> deslocou-se ao local e tirou fotografias da citada pesqueira, promoveu junto do seu colega espanhol, Capitão do Posto de La Guardia, para que tomasse providências no sentido da pesqueira ser parcialmente destruída, abrindo assim, deste modo, a passagem das espécies para fazerem a sua desova.

Em face do que fica exposto, porque é que não apelamos junto das entidades competentes para que tomem providências no sentido de que sejam abertas de acesso nas barragens existentes a fim de regularizar o curso das águas no rio Minho!

M. S.

À minha neta

Rita de Cássia

com muitos beijos

do AVÔ

Quando em sonhos te viu,  
Eshelta de manhã cedo,  
Olhando o futuro sem medo  
Minha Alma alegre sorriu.

Quando a sonhar te viu,  
Ir para os estudos contente,  
De olhar melgo e inocente  
Minha alma alegre sorriu.

Quando sonhando te viu,  
Teus pais e irmãos beijar,  
Abrir os livros e estudar...  
Minha Alma alegre sorriu.

Quando sonhando te viu,  
Feliz pelas ruas passar,  
Teus cabelos a flutuar...  
Minha Alma alegre sorriu.

Quando sonhando te viu,  
Ajudar tua mãe trabalhar,  
Ir à Igreja e rezar...  
Minha Alma alegre sorriu.

Acordel, e disse comigo:  
— «Feliz o homem que casar contigo».

Melgaço, 31-10-73

Vasco da Gama Almeida

Sr. INDUSTRIAL:

Deseja que os seus produtos sejam vendidos e conhecidos no mercado? Anuncie desde já em

«A VOZ DE MELGAÇO»

Agência de Viagens

“RUMO”

Passagens Aéreas e Marítimas

Bilhetes de comboio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Postos de Câmbios do Banco de Agricultura

TELEF. 42278 — MELGAÇO

Bento Gomes

EMPREITEIRO

Melgaço — Tel. 42113

## “MANCOZAN,”

Para a sulfatação da vinha: Exija-o ao seu comerciante, para estar certo de uma boa colheita.

O PRODUTO, QUE NÃO TEM SIMILARES

Depositário no Concelho de Melgaço

Miguel Henrique Gonçalves Pereira

Rua da Calçada

Telefone 42212

## LOJA DOS PEREIRAS

TEL. 42311

MELGAÇO

TORREFACÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ

A CASA DO BOM CAFÉ

MERCEARIA FINA  
FAZENDAS  
CORRESPONDENTE BANCÁRIO

## Electrotécnica

de ANTÓNIO SOLHA & IRMÃO  
PRAÇA DA REPÚBLICA — MELGAÇO

RÁDIO  
TELEVISÃO

ELECTRICIDADE  
AMPLIFICAÇÕES SONORAS

Agentes da SIEMENS.

Prestam assistência técnica com competência e honestidade no nosso concelho.

CONSULTE-NOS para as suas instalações!!!

## Vinho do Porto BARROS

De todos

o mais saboroso



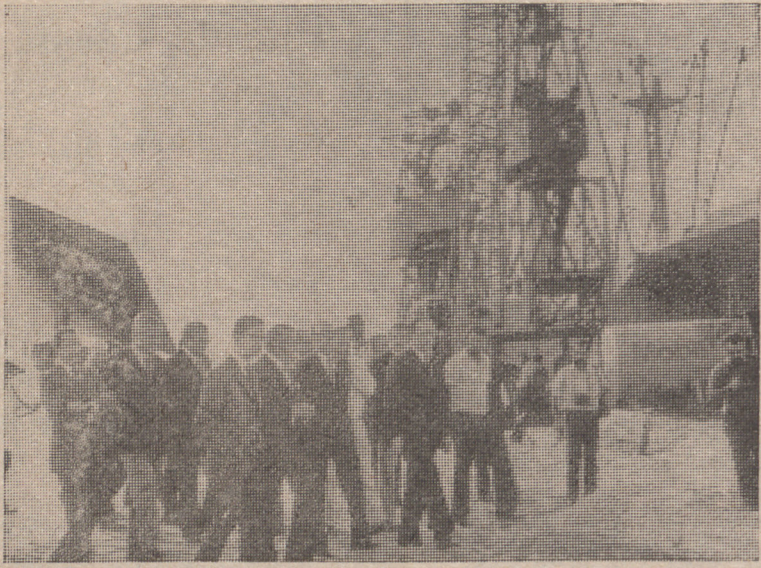
De todos

o mais preferido

Lágrima Christi BARROS  
em França o mais apreciado



# O Ministro visitou África



O Ministro do Ultramar, Dr. Baltazar Rebelo de Sousa, visitou, recentemente, Angola e Moçambique. Mais uma vez o governante responsável pelos assuntos ultramarinos se deslocou a terras de além-mar a fim de tomar contacto directo com os problemas e as realidades dos territórios portugueses fora da Europa e encontrar-lhes as soluções mais rápidas e eficazes. Em ambos os Estados, o Ministro do Ultramar foi recebido com entusiasmo e não se furtou a converseiras com o propósito de observar, em todos os sectores de actividade, as necessidades de acção imediata.



# A expansão industrial no Estado de Moçambique

O surto de expansão industrial que se regista em Moçambique é testemunhado por inúmeras iniciativas em vários sectores da actividade produtiva, nas quais se investem vultuosos capitais e proporcionam milhares de novos postos de trabalho. Para além de constituírem irrefutável manifestação de confiança no futuro da Província, os investimentos feitos em Moçambique revelam a dimensão das potencialidades naturais e humanas daquele Estado.

A indústria têxtil algodoeira continua a atrair iniciativas, que deverão imprimir ao sector nos próximos anos um desenvolvimento assinalável.

Foi autorizada a instalação no distrito de Lourenço Marques de uma nova unidade de fiação, tecelagem e acabamento de tecidos de algodão, com uma capacidade de produção de dez milhões de metros quadrados de tecidos por ano. A nova fábrica que laborará anualmente 3050 toneladas de rama de algodão de produção local, será apetrechada com vinte mil fusos e duzentos teares automáticos. O investimento previsto ascende a 345 mil contos, esperando-se que o número de postos de trabalho a criar ultrapasse os quatrocentos.

Serão produzidos, fundamentalmente, tecidos para uso doméstico, admitindo-se a possibilidade de exportação de uma parte do fio produzido.

E outras iniciativas continuam a surgir, que permitirão no futuro transformar internamente volumes mais substanciais e progressivamente crescentes de al-

godão produzido pela agricultura moçambicana.

Foi, por isso, autorizada a instalação na área de Nacala de uma fiação de algodão, com a capacidade de laboração de cerca de três mil toneladas de ramas por ano.

Inicialmente prevê-se a instalação de quinze mil fusos, sendo posteriormente esse número elevado até noventa mil por sucessivas integrações de módulos de quinze mil fusos. Na primeira fase o investimento será da ordem dos trinta mil contos e o número de postos de trabalho a criar de cerca de duzentos, funcionando a fábrica em regime de três turnos de oito horas por dia. A produção obtida deverá ser orientada fundamentalmente para a exportação.

Também na Beira foi autorizada a instalação de uma unidade industrial destinada ao fabrico de redes de pesca de «nylon», de polietileno e de algodão. A nova unidade, que contribuirá com os seus produtos para a satisfação das necessidades crescentes da procura da indústria pesqueira, disporá de uma capacidade de produção anual de 180 toneladas de redes, de nós simples e duplos.

O empreendimento implicará um investimento relativamente elevado, sendo de algumas dezenas o número de postos de trabalho a criar.

Foi, igualmente, autorizada a instalação no distrito da Zambézia, em local a indicar oportunamente, de uma fábrica de linhas de algodão para costura, «tricot», bordados e pesca.

A nova unidade, que disporá de um acapacidade de laboração de 850 toneladas de algodão por ano, em regime de trabalho de dois turnos diários, dará ocupação a cerca de 320 pessoas.

A localização escolhida para o projecto, a circunstância de se tratar de uma produção nova em Moçambique e a valorização imprimida a uma matéria-prima produzida pela agricultura local, são, entre outros, aspectos que conferem interesse especial à iniciativa.

Por outro lado, a uma firma de Vila Gouveia, no distrito de Vila Pery, com instalações fabris para extracção e refinação de óleos vegetais alimentares, foi autorizado o aumento para cinco mil toneladas/ano da sua capacidade de laboração de sementes oleaginosas, nomeadamente amendoim, girassol e germê de milho.

A iniciativa, que, pela sua localização em zona onde não abundam unidades industriais merece ser destacada, igualmente terá reflexos positivos sobre a economia da região, esperando-se para a área do Bárue uma intensificação da cultura das matérias-primas que vão ser necessárias para a laboração da fábrica, o que não deixará de contribuir para a fixação de populações e para a melhoria das condições de vida das mesmas.

No sector da metalurgia, foi autorizada a uma empresa do ramo, com instalações fabris na Machava, a construção e montagem da seguinte gama de máquinas-ferramentas: serrotes mecânicos, furadores de coluna e bancada, rectificadores para cilindros e superfícies planas, limadores mecânicos e tornos révolver e mecânicos.

O empreendimento implicará um investimento da ordem dos 13 mil contos, sendo as produções dele decorrentes orientadas predominantemente para o mercado interno, em substituição de

# Antigualhas Melgacenses

XLI

## Tempo de D. João I

A guerra por causa da sucessão no trono português foi de consequências nefastas para Melgaço. O facto de a fortaleza ter defendido as aspirações do rei de Castela ocasionou para muita gente uma falsa posição. Retomada a praça e expulsa a guarnição, os partidários do inimigo acharam por bem deixar o nosso território.

No tempo de guerra cometem-se abusos e excessos. Aqueles que se acharam culpados entenderam de sair da terra para fugir às inevitáveis represálias. A feira que se realizava em Melgaço desde o alvorecer da nossa independência decaiu. Com ela Melgaço tinha movimento e lucro, mas com a sua decadência sofreu a economia local.

Para obviar a este mal, D. João I concedeu regalias aos feirantes, não podendo ser molestados por causa de grande parte de crimes que acaso recaíssem sobre eles. Isto tanto na feira como na ida e volta durante certo espaço de tempo.

Não era caso único mas praxe de outras feiras no país e no estrangeiro.

## Tempo de D. Manuel I

Na Espanha os judeus foram perseguidos a ponto de serem obrigados a converter-se ao cristianismo ou abandonar o país em curto prazo. O nosso rei D. Manuel deu guarida aos judeus expulsos da Espanha, mas a sua entrada em Portugal era controlada e por isso determinou pontos de entrada. Uma das entradas foi por Melgaço.

Este rei deu a Melgaço foral novo cujo original se conserva ainda no arquivo da Câmara Municipal. Foi-me facilitado o estudo do mesmo.

Porque me escasseia o tempo disponível por agora, descrevê-lo-ei no próximo artigo.

P.º M. A. BERNARDO PINTOR

# Para quando

## um verdadeiro programa de regionalização?

por Gonçalves de Almeida

Não o ocultamos a ninguém, somos defensores acérrimos da regionalização em Portugal. Não a regionalização feita às três pancadas, desorganizada como se está realizando actualmente, mas uma regionalização com cabeça, tronco e membros, onde o desenvolvimento económico e social dos povos seja um facto, onde a participação de todos os portugueses, sem excepção, seja uma grande realidade, com todos a usufruírem de vantagens e não somente alguns, como é o grande hábito.

Dizia uma entidade oficial já há alguns anos em relação ao nosso desenvolvimento: «Actualmente já não se trata de recuperar os anos que temos em atraso em relação a outros países europeus, mas sim de não deixar aumentar esse atraso». Constatamos que nada se fez, ou muito pouco, para remediar o problema que é bem nacional. Quando temos já há algum tempo um discurso do professor Marcello Caetano que dizia «Temos de ir mais longe e o mais depressa possível nas nossas realizações», não deixa de constituir um paradoxo quando nos apercebemos da monosidade com que trabalham as diversas comissões regionais encarregadas de estudarem o problema, como se este fosse tão difícil de resolver. Os anos vão passando e tudo continua no mesmo pé. Fala-se muito actualmente no complexo de Sines; é muito pouco, quando existe de norte a sul, todo um

país a desenvolver. Qual é então a tábua de salvação? A emigração, e assim se vai perdendo todo um potencial de mão de obra, força, juventude em favor de outros, o que virá a colocar-nos em situação difícil.

Julgamos que por vezes será muito mais razoável e eficaz, metermos ombros a realizações mais modestas, mas de resultados mais rápidos, que permanecer indefinidamente em grandes planos inexecutáveis.

(O Emigrante, 20-VII-1973)

## Custo de vida Estradas e Futebol

(Continuação da 1.ª página)

mas este talvez seja mau sistema, porque custa algum dinheiro. Haverá ainda alguns AUDAZES desta terra, por mais inteligentes e fanáticos pelo jogo da bola, que queiram continuar a discordar do que tenho escrito para o jornal sobre estes assuntos?

Em Parada do Monte e na Gave está toda a gente de acordo comigo. E eu continuarei a escrever sempre que seja possível, tanto para o jornal como até cartas particulares como a que escrevi para a Junta da Freguesia da Gave enviar ao Senhor Presidente do Conselho de Ministros. Não aceito observações particulares de quem quer que seja, e continuarei a assumir a responsabilidade de todos os meus actos. Quem não gostar, o melhor que tem a fazer é não ler o jornal.

Manuel Caldas

importações. Prevê-se que a cifra de vendas anual ronde os 35 mil contos, nos primeiros anos de laboração.